

Protocolo 42

Octacius Olimpo

Prólogo

Ele não conseguia dormir, como de praxe.

O homenzinho dentro daquele quarto de dimensões minúsculas envolvido por uma manta que o segurava na vertical divagava bastante nessas horas noturnas, como se estivesse em pé, olhando para a porta de seu leito. Seu cérebro não parava com toda aquela informação desenfreada que o consumia e o deixava catatônico, nesse mundo que o deixa tão ignorante e exausto.

Para apaziguar o ruído de seus ouvidos pensava em algo banal, em um passado próximo, porém, distante tanto quanto a época das cidades-estados da antiguidade grega, considerando os avanços tecnológicos alcançados de forma exponencial desde a invenção dos transistores. Pensava mais exatamente nas tecnologias dos primitivos. Por sua vez, pensava nos HDs, uma caixa mecânica com motor elétrico que serviam de memória ao gravar um determinado padrão de informações em um disco cromado brilhante preso no eixo do motor através de um jogo de lentes e um laser. Memória interna para os computadores mais antigos, do início do século, que, em contrapartida de suas companheiras memórias RAM, não apagavam seus dados quando desenergizadas. Eram as famosas memórias não voláteis.

Ele havia lido em algum microfilme que quando se fazia uma restauração neles para apagar os dados, bem... eles nunca eram apagados; só eram sobreescritos. Dessa forma ele pensava que a memória humana funciona exatamente assim, e isso — de acordo com ele — não o permitia ser feliz, por tudo que maculou suas lembranças. Não depois que foram dados espelhos a ele, e depois de observar um mundo doente...

Capítulo 1

O ano era 2099. Todos viviam em uma época de rebuliço tecnológico maior do que no começo dos anos 2000. Nem as roupas fugiam de ter condutores em sua constituição. Era realmente tempos de apoteose digital. Dessa forma, a nova alta classe, além dos executivos por trás das multinacionais, eram os que procuravam ser YouTubers ou influenciadores digitais, sendo estes os pastores dos rebanhos populacionais. E eram poucos os que se sobressaíam, e que se tornavam realmente relevantes, em uma porcentagem essa que deixaria a antiga alta classe, e seus 2% populacional, surpreendentemente grande. As multinacionais eram mais ricas do que países de terceiro mundo. E o que se podia dizer do trabalho do homenzinho em questão? Ele era totalmente

baseado em tecnologias modernas de processamento e inteligência, um trabalho que envolvia androides de interface hiper humana.

Ele gostava do que fazia, e era só isso de que gostava em sua vida — mesmo que vivesse em déficit de dopamina. Nada o dava um prazer profundo e sentia um vazio que achava que era o lugar existencial onde sua felicidade deveria estar. Mesmo não pertencendo a um loop de antecipação de recompensas que prendiam todos ao seu redor, numa eterna busca de emoções virtuais alheias, com os seus níveis químicos relacionados à felicidade e satisfação manipulados por fatores externos e ditados pela grande rede, a felicidade era um conceito muito abstrato para o seu compreendimento, muito além da química cerebral. Dessa forma, para apaziguar essa condição autodestrutiva, haviam outras tecnologias a não ser as fontes de entretenimento para tanto. Por exemplo, os implantes que o injetava frequentemente substâncias para equilibrar a química de seu cérebro, a Fluvoxamina. Em que ela ajudava-o? A não tentar pular de novo na frente dos aeromodelos.

Todo dia de manhã, por volta das quatro, ele começava sua rotina. A rotina o auxiliava a não se descontrolar. Ele era um bem orgânico muito valioso para sua empresa, por isso os seus superiores o fizeram com que todos os dias de manhã tivesse uma visita marcada com a headmaster. Foi ela quem contou a ele sobre os benefícios de uma vida regrada, uma vida com rotina. "Uma forma de ter as rédeas de sua vida em seu poder", era o que ela dizia. Pois bem, ele já havia colocado uma blusa branca simples, e uma calça jeans preta. Seus sapatos eram de uma marca antiga, Nike, valiosos pela extinção dos calçados perante a invenção de um solado que se manifestava como campos elétricos que trabalhavam com as forças eletromagnéticas elementares.

Desceu todos os andares do prédio — em que morava sozinho — pelos tubos conectores encapsulados a vácuo. Foi até um ambiente aos fundos, mal cuidado e empoeirado, e pegou sua bike de aço temperado sem marcha, não motorizada. Tentou em um rompante menos veloz que as bicicletas Maglev ir para seu serviço.

Bater ponto — outro termo dos primitivos — não era necessário, porém seus rituais eram essenciais para a sua sanidade. Deveria chegar antes de todos, abrir a gaveta, pegar três canetas de alto relevo de três cores, enfileirando-as transversalmente uma acima da outra; pegar a folha de acetato, ajeitando-a pareada com a mesa; pegar o recipiente térmico na bolsa de náilon, colocando-a do lado direito, virada para ele; olhar o relógio. Duas e quarenta e cinco. Ficaria ali até às dez horas da noite.

O final de seu expediente labutava para chegar a seu fim. Custava para que avançasse os últimos minutos ostentados pelo seu aparelho mais ao pulso. Sua perna subia e descia em um ritmo que progredia com a iminência do fim de suas horas de trabalho oficiais. Poderia enfim trabalhar em seus afazeres extra-oficiais. Pensava em sua mente como as outras pessoas podiam ser tão controladas a fim de não transparecer o desconforto que ele mesmo sentia. Dessa forma, seu pescoço se move rondando com os olhos todo o andar de desenvolvimento de periféricos robóticos. "Duas pessoas olhando pela janela. Um mais perto da saída de água

da parede segurando um copinho liso e branco. Um outro sujeito conversando com bastante interesse ao comunicador." Um pensamento se formou em sua mente. "Se tivesse um comunicador disponível agora com cem créditos para ligar para qualquer parte do globo, para quem ligaria?" Infelizmente sua resposta não podia ser outra: não havia resposta. Apenas não ligaria para alguém.

Esse pensamento contaminou suas ações. Não conseguia mais ficar sentado. Levanta em um sobressalto. Vai até uma porta homogênea que se confundiria com a parede se não tivesse um sinalizador luminoso indicando que atrás dela estava o banheiro. Ela se abre em um resfolego ruidoso horizontal, liberando passagem para o apressado homenzinho. Vai até a parede espelhada, e, ao chegar perto, uma pia sai dela. Ele passa sua mão por baixo da torneira, molhando-as, fazendo o mesmo em seguida com seu rosto. Se vê no espelho:

— Vamos Harvadan, me dê o nome de três pessoas que você conheça e possa ligar para tomar alguma coisa! — Harvadan se encarava quase que obrigando o homem atrás da pia, de feições tão próximas a sua — não fosse a simetria oposta do espelho captada por suas retinas — a falar algo.

— Vamos, apenas uma só!

Harvadan, frustrado, sai do banheiro.

Volta à sua mesa tão rápido quanto saira. Suas conversas no banheiro ficavam cada vez mais frequentes. Sabia que algo estava faltando, só não sabia ainda do que se tratava, mesmo tendo ideia de onde poderia começar. Abre uma gaveta trancada por leitor biométrico e tira de lá uma pasta de couro preta — uma herança de seu bisavô. De lá pega vários esquemas e observa-os por minutos a fio. Por tanto tempo que ficou naquela posição, já estava livre de seus vínculos diários com o trabalho quando tirou seu olho do material, e dessa forma já não se encontrava alguém em seu andar. Assim separa os esquemas de um projeto chamado Androide 42AP21.

Sua cabeça fervia em um furor de ideias. Com aquele esquema de um robô mordomo daria vazão a uma solução de seus problemas. A falta de companhia, imaginava ele. Todo aquele conhecimento universitário queria sair e se manifestar de alguma forma, de modo a providenciar algumas adaptações do projeto base para se adequar a suas necessidades. Como poderia juntar o que sabia tão a fundo, os algoritmos de codificação tão complexos quanto as redes neurais humanas, para conseguir a felicidade que ele próprio não tinha em sua vida? Passou ainda mais do horário de seu trabalho, que agora já era extraoficial, saindo de uma mera retórica inocente até um labor exigente. E todo esse labor foi investido para dar formas sinápticas, se valendo do conhecimento avançado de IA que sua época possuía, a seu novo amigo, culminando em alguns princípios que seguiria para a concepção do androide. Quanto à parte mecânica, poucas adaptações foram feitas. Era um modelo protótipo, totalmente fora do comercial. E dessa forma, ao se encaminhar para a sala em que se

guardava o projeto depois de se valer de suas credenciais, estava na frente de um androide rudimentar de feições tão humanas que se confundiria com um igual.

E para esse androide o homenzinho desenvolveu ao todo 41 protocolos para manutenção de software e hardware, além dos princípios básicos de Asimov. Princípios esses que margeavam as ações do robô, que além de monitorar seus sistemas mecânicos para ideal funcionamento teria um terminal remoto que poderia ser acoplado a novos sistemas para monitoramento e manutenção.

Porém uma diretiva seria a prioritária e indelevelmente sobreporia todos os outros protocolos, o diferencial de sua criação. O protocolo 42:

O usuário deve manter seu nível de oxitocina, serotonina, endorfina e dopamina, dentre outras substâncias e reações químicas relacionadas ao bem estar corporal, dentro de padrões elevados para uma vida plenamente feliz. Caso o usuário seja incapaz de fazê-lo de modo autônomo, o robô deverá interceder verbal ou fisicamente para livrá-lo de auguras.

Agora só restava apertar o botão que compila o programa naquela virgem memória do robô, o qual ele imaginava ser mais realista do que seus próprios traços seriam em uma existência mais alegre. Antes, porém, um fato sobreveio: quais seriam os limites do seu amigo andróide? Até onde ele iria para que seu dono não sentisse tristeza? Roubaria algo para isso? Mataria alguém? E quando não fosse possível torná-lo feliz, o robô se colapsaria?

Muitos paradoxos se formavam frente ao cerne de seu projeto que desenvolvia ali. Teria que rever essa diretiva, até possuir uma resposta satisfatória. Desligou tudo e foi embora. Não lhe cabia mais pensar sobre aquilo.

Se dirigiu até sua casa com um pensamento que se aglutinava em sua razão. Pela primeira vez em muito tempo se encontrava em um estado apreensivo, suas mão tremiam, suas pernas vacilavam, um frio percorria sua espinha. Ficou até levemente triste visto que não cumpriu com seu objetivo, mas ao menos algo o consolava, a ação de desistir dessa empreitada que tomou para si era o mais responsável...

Capítulo 2

Acordou e escovou os dentes. Vinte vezes os de cima; vinte vezes os de baixo. Desamassou a mesma camisa do dia anterior, passou o jato a vapor quatro vezes, virou do avesso e passou mais quatro vezes. Desamassou a calça seguindo os mesmos procedimentos. Foi até a cozinha e preparou um Mocaccino. Subitamente seu Smartwatch tocou.

Seu pulso estampou uma visão que emulou um ângulo de uma pessoa adulta de 1,90m. Parecia o corredor de seu prédio. Sua porta bateu. Ele ficou em silêncio, talvez por um medo congelante, ou talvez para identificar os barulhos vindo lá de fora e distinguir do que se tratava. Bate mais uma vez, e depois cessou totalmente.

O homenzinho olhou para trás meio assustado e meio curioso. No fundo de sua consciência sabia do que se tratava. Caminhou em passos vagarosos até a porta, até tocar um botão ao lado dela, que deslizou em um leve resfolegar, mostrando seu inesperado visitante.

A carcaça dele era um reluzente simples, com um azul vítreo que sofisticava aquela estrutura de raro titânio. Era uma beleza que apenas anos de design robótico permitiria. Ele contatou o sujeito a sua frente — de carne, osso e sangue — com uma voz rouca e metálica que se transmuta cada vez mais em uma voz de um homem adulto, de uns trinta e poucos anos de idade. Sua aparência também não era estática. Uma película cobria suas partes mecânicas — o que não existia em seu protótipo inicial — de forma conflitante entre o robusto e o delicado. Cada vez mais essa película perdia sua translucidez e tomava um tom de pele comum para aquelas bandas ensolaradas daquela cidade interiorana. Assim paralelamente roupas surgiam em seu corpo inicialmente nu...

Capítulo 3

Viver sempre acompanhado era completamente diferente de seus outroras dias sozinhos. Já fazia alguns meses que o robô acompanhava cada passo que dava. E sentia que com toda aquela companhia seu eu verdadeiro era diluído para uma versão do que ele achava que o robô buscava dele. O robô alterava sua dinâmica de vida em várias frentes. O inseriu no meio social virtual que tanto repudiava. Ostentava em seu feed um total de cinquenta amigos, muitos deles que também trabalhavam ou consumiam o que ele próprio já fizera com maior intensidade. E dentre esses novos amigos existia Jeff, que, se pensasse sobre a natureza de sua relação com esse ser humano, não passava de um colega com quem conversava casualidades e eventualmente desenvolviam algum código juntos.

Contudo, aquilo não importava tanto naquele momento. Os dois tinham planos diários que envolviam diversas atividades que o deixava ocupado demais para qualquer questionamento.

Outro ponto de sua vida que mudou drasticamente foi seu meio de transporte. Havia agora de andar nos trens MAGLEV para ir ao seu trabalho, substituindo a calmaria solitária por aquele turbilhão compartilhado. O robô — o chamava assim por não saber como o chamar — se disfarçava bem dentre a multidão. Um desconhecido poderia achar que ele era apenas mais um humano. Quem o notasse o entenderia como um robô guia. E ele se misturava com todos os outros iguais, que tinham tamanhos e formatos de acordo com a atividade

que empregavam, desde grandes robôs babás, que carregavam a prole humana em suas entranhas, até os esguios robôs de segurança, que ficavam um em cada vagão para conter eventualidades.

— Senhor, creio que a socialização com outros iguais é um grande passo para uma vida de significado. Vamos, portanto, a uma festa, na zona alta. Reservei para nós duas pulseiras de identificação.

Pelo visto o robô andava ocupado arrumando formas de torturá-lo. Odiava todo o superlativo que esse fato acarretava. Odiava sons altos. Odiava os preços altos das bebidas. E toda aquela hipérbole que era gente colada pulando em um ritmo aleatório, como elétrons livres desordenados em um condutor, sem prover corrente alguma.

O trem não calava e a voz dos comerciais dos produtos o gritavam para consumir. Consumir, consumir e consumir. As pessoas no interior da fera de aço estavam e não estavam ali, vidrados em suas mãos olhando seus dispositivos artificialmente translúcidos de uma tecnologia revolucionária que veio substituir o agora escasso silício: os nanotubos de carbono supercondutores.

Ele saiu do rompante que é a multidão se deslocando alienada para onde quer que fossem, meio atônito e levemente atordoado com tudo aquilo. Pouco a pouco se acostumava, mas ainda estava em fase de adaptação. O robô era uma forma de segurança naquele caos, o escoltando até a saída. Subiram os rolantes que levavam as pessoas ao céu cinzento que desconhecia seu outrora vigoroso azul da época dos primitivos. Ele havia visto o céu dos primitivos em microfilmes. Era uma das poucas belezas que ainda o tocava de algum modo, porém imaginava que não fazia jus à realidade de se presenciar, por exemplo, em toda sua opulência um pôr do sol vermelho rajado, como apenas fizera no meio virtual. Caminharam pouco até a frente de um prédio robusto de aço escovado. Entraram em seu interior e caminharam para aquele ambiente insípido que acalmava os ânimos levemente aflorados do humano que acompanhava seu robô.

Capítulo 4

O robô praticamente o carregou até a festança da zona alta. Estava dentro daquele ambiente que ele desconhecia toda a dinâmica. Havia interações sociais em várias frentes, em sua maioria sem muita importância quanto a conteúdo, sendo ali valorizado o aspecto quantitativo em detrimento do qualitativo; o aspecto sensorial em detrimento do intelectual. O robô o intimou para andar até o centro da pista de dança, o injetando secretamente um conhecido desinibidor para que o humano se tornasse mais um soldado daquela tropa de salteadores: C₂H₅OH.

Ninguém realmente se interessava por ele, e ele estava com a mente em outro lugar de qualquer maneira. Inicialmente chateado porque teve seu trabalho extraoficial negligenciado para fugir para aquele antro de desleixo intelectual, cada vez mais era atraído a uma garota que também parecia deslocada de seu ambiente de

costume, sentada e eventualmente achatada em uma das plataformas suspensas, olhando aqui e acolá, como se estivesse desolada por estar em um ambiente como aquele. Ela logo de cara o inspirou um interesse quase inédito. Uma mulher atraente. Cabelos escuros, pele em tons de #964B00, rosto redondo com lábios voluptuosos. Seus cabelos enegrecidos e encaracolados o fizeram quase calcular a frequência de suas oscilações. E ela era a única com este semblante além do próprio, pois suas amigas, imaginava o homenzinho perdido dentre aquela massa de baderneiros, também moviam suas cabeças em um ritmo aleatório e se intoxicavam intencionalmente. O robô, esperto, calculou a trajetória dos raios de luz que entravam e marcavam a retina de seu dono, e, depois de descobrir o paradeiro da atenção do sujeito, o robô foi até ele e o puxou para perto de si:

— Agora vamos subir de nível. Esse andar está muito parado — Fala o robô apontando para umas dezenas de pessoas ao seu redor, as quais tentavam puxar compasso com a música que reverberava pelo salão — Vamos falar com as fêmeas da espécie. Estou baixando em minha memória arquivos de sociologia e antropologia sobre rituais de acasalamento... — Se o robô fosse humano teria se enrubescido.

— Desculpa, erro meu. Vou tentar simplesmente relacionamentos humanos. Aqui. Achei um artigo interessante. Ele fala que atitude é o maior dos passos.

O robô empurrava indelevelmente o homenzinho que se apequenava frente a tensão que subia com o diminuir da distância entre ele e a garota, que o fitava de longe, imaginando a imagem que ela estava presenciando. Ele sendo impelido por um homem robusto que parecia ser o segurança do nanico, ou um amigo mais alto e mais esbelto que encorajava seu outro amigo menor e não tão esbelto.

Então, para não parecer um completo esquisito perto da mulher, ele agora acompanhava o jingado da música debilmente, até ficar ao lado dela, atrás do balcão que dava para uma ampla vista, desprovida de qualquer coisa natural, a não ser feita pelo homem.

— Atendente! Por favor, eu quero um co-nha-que.

— Conhaque?

— Isso, conhaque — repetiu as palavras como se para se acostumar com elas, mas, na verdade, tentava imaginar se aquilo se referia a mesma coisa para duas pessoas. A palavra não soava bem saindo de seus lábios.

Assim, dois braços mecânicos saíram de dentro da mesa e o serviram um shot de conhaque, que o sujeito ingere de uma vez sem antes ter tido um contato anterior com o ardente líquido que agora queimava suas entranhas. A mulher dá um risinho, ele confundiu como uma boa porta de entrada para falar com ela:

— Olááá, seu noome é Haaarvadan, qual é o meu noome? — Fala arrastando algumas vogais, totalmente embriagado com as duas doses, uma delas massiva, de psicotrópicos que ingeriu em uma pequena quantidade de tempo.

— Senhor, acho que você se confundiu, você tinha que perguntar o nome dela, não o seu próprio nome e falar que o dela é seu nome...

A mulher acha graça. Acompanhava aquela dupla dinâmica com uma curiosidade que mais se aproximava do homem de lata — porém, ironicamente na verdade de carbono — do que do sujeito fora de si.

— Prazer, meu nome é Lydia. Qual é seu nome... — Fala a mulher estendendo a mão com suas unhas postiças de tamanhos e cores variadas...

— Haarvaardaahn...

— O homenzinho queria dizer Harvadan minha cara senhora — Fala o robô com sua voz impecável e sem sotaque que poderia ser a mesma de um cantor, ou um apresentador de telejornal, se ainda existisse algum apresentado por humanos como tinha visto em alguns textos do museu do início do século.

— Na verdade eu perguntei o seu, homem dos olhos azuis cintilantes...

— Ah, é compreensível a confusão, eu não sou um ciborgue ou metade homem metade máquina, sou binário. Completamente binário. Não tenho... — O robô agora se questionava porque ele não tinha um nome. Dessa forma decidiu se batizar. Mas que nome escolheria? Olhou em volta, e em uma das garrafas tinha um grande X preto marcado nela com um fundo vermelho. Talvez uma campanha de marketing tentando vender seu líquido intragável através das nuances psicológicas humanas, a conhecida psicologia inversa. O robô não entendia, porém escolheu adotar aquele como seu nome.

— Meu nome é X. Apenas X.

— Prazer X, você é muito comunicativo para um andróide.

X não entendia porque aquela mulher negligenciava seu dono e o dava tanta atenção, e desconhecia toda aquela cerimônia que aconteceu, como ela colocar os cabelos atrás das orelhas, ou ficar encostando repetidamente em seu braço. Desconhecia a natureza de tudo aquilo e para ele não significavam nada. Tudo o que o importava era a felicidade de seu dono, que agora estava escorado no balcão, provavelmente por uma overdose de álcool.

O robô se desespera, e o pega, carregando em seus ombros. Antes de ir embora, se despede de Lydia, que aproveitando a atenção roubada do robô colocou algo em seu bolso sem que ele percebesse.

Ambos se dirigiram para a casa de Harvadan que foi jogado em seu leito. X devidamente ligou para um atendimento automático que chegaria em sua casa para fazer uma tão costumeira — para o ano de 2099 — lavagem estomacal. Quando o atendimento chegou veio acompanhado de um técnico, que geria a máquina em sua indiferença quanto a situação de quase morte de Harvadan.

Quando o técnico chegou, empurrou a máquina até o lugar onde o robô apontava. Antes de iniciar o procedimento esperou o pagamento por parte do robô, que escaneando um código indicado pelo técnico fez a transferência de 100 unidades de crédito. E sem tardar mais um segundo o operador agora inseriu tubos que eram conectados nos braços do sujeito, e depois a diálise foi iniciada, apenas evidenciada por uma sinalização frontal do corpo do maquinário e o líquido vermelho radiosso — em uma interessante contradição a X por ainda depender de metal, encontrados no núcleo de suas células vermelhas — se locomovia pelos tubos de lá para cá, de cá para lá. Dessa forma, o sangue de Harvadan foi roubado de si e devolvido um limpo, esvaziando-o de toda aquele sangue corrompido e o purificando...

Na manhã seguinte sentiu uma dor que não era sua, de uma noite que foi tomada de sua memória. Levanta com uma certa dificuldade que nunca havia encontrado antes, como se tivesse veneno prejudicando seus músculos. Era uma ressaca corporal que dificultava até o movimento natural de seus braços e existir naquele momento para ele era apenas uma sensação generalizada de dor.

— Olá senhor, tenho boas notícias... — Fala o robô empolgado.

— Robô, cale-se, você está gritando! — O ranzinza Harvadan apenas colocava para fora o soro amargo que se fazia seu sangue.

— Mas, senhor, meu nível decibel está baixo, como o costumeiro. Espere. Deixe-me fazer uma busca na grande rede — O robô para de se mover, olhou levemente para cima acompanhado de um brilho irregular de seus olhos e um leve remexer de sua cabeça de um lado para o outro.

— Ah, a famosa ressaca. Senhor, você não vai acreditar. Essa sua ressaca valeu o preço. A senhorita Lydia. Provavelmente houve uma compatibilidade entre o senhor e ela... — Inocentemente o robô levanta o papel com uns 10 números, que formavam um telefone daquela década. E as letras L-Y-D-I-A abaixo do número.

— Quem é essa pessoa robô...? — Harvadan franze o cenho levando sua mão de encontro com sua testa.

— Ah, senhor. Sobre isso... meu nome não é robô. Pode me chamar de X...

Capítulo 5

— Senhor, desmarque todos seus compromissos de hoje. Marquei um encontro para você — Fala o robô obstinado a tornar seu dono um ser social ativo.

— Não senhor, fiquei de ajudar um colega, o Jeff. Acho que você o conhece, estamos trabalhando em seu software administrativo. Me desculpe.

O robô para de falar, olha fixamente para o teto e prontamente responde.

— Resolvido, senhor. Virei a IA administrativa dele. Estou neste exato momento gerenciando a empresa. Espero que não se importe por ter logado com o usuário dele que ele tinha te passado para ter acesso administrativo.

— X, isso só é empurrar tudo para debaixo do tapete. Você não vai conseguir ficar indefinidamente processando toda essa quantidade de dados...

Harvadan se aproxima por trás do robô, e insere um cabo que se assemelha a um antigo coaxial, só que de dimensões maiores, e o pluga em uma abertura que se revelou quando ele puxou duas vezes para baixo a orelha esquerda de X. Acessou todo o firmware de seu projeto, e aquele código nada se assemelhava com o que havia escrito inicialmente se baseando em IAs com as quais trabalhava. Não que não fosse a mesma coisa, ainda existia umas identidades e vícios de um programador — seus vícios — e uma formatação documentada que nas primeiras linhas pareciam as suas e de alguns colegas que participaram do projeto. Mas não era mais a mesma coisa. Estava evoluindo, e não da maneira convencional que esses sistemas evoluíam. Todas as partes estavam conversando entre si, independentes e funcionais. Era uma coisa nova, que se autogovernava, não que as inteligências artificiais não tivessem essa característica, porém o que ele via ali era de uma maneira quase senciente, com uma capacidade de processamento e multitarefas que desconhecia outra igual, um poder jamais alcançado pela humanidade. Pelo menos não a humanidade que ele conhecia.

O único poder de processamento que se assemelhava àquela era uma memória humana bem treinada, o único elemento existente na natureza que digladiavam com o conceito de conservação de Lavoisier pelo seu potencial criativo de criar ideias do nada, que agora não era mais a única pelo que estava vendo, e muito menos a mais eficiente...

— Uau. Bom... Estou rodando um supervisório, testando suas capacidades computacionais... Não entendo como você consegue, mas consegue... Você está logado lá, está controlando seu hardware aqui. Isso é quase impossível. Poucos sistemas têm 30% dessa capacidade. Isso é uma revolução!

— Senhor, prioridades.

— Podem esperar. Você está logado lá e fica aqui preocupado com um encontro que você marcou? Com quem é esse encontro, aliás?

— Ótimo ter perguntado. Com a Lydia da noite que tivemos na zona alta.

— Não me lembro de uma Lydia, nem daquela noite para ser mais exato... Claro, efeitos colaterais de um uso elevado de álcool. Só fico embasbacado que tomei apenas um shot... Mas temos que falar com alguém sobre isso aqui X. Isso vai mudar tudo!

— Senhor, se compartilhar suas descobertas, não irá me ver mais. O senhor tem ciência disso?

— Verdade. Mas não posso te guardar apenas para mim.

— Senhor, olhe a sua volta. As pessoas precisam de mais tecnologia em suas vidas? Quer fazer as máquinas além de pensarem sintam também pelas pessoas?

— Você tem um ponto.

O robô se cala. Sabia que o que dissesse poderia romper as tênues chances de Harvadan sair com Lydia.

— Certo. Se você teve todo esse trabalho para me marcar um encontro com essa tal de Lydia, vou me aprontar... Mas esse assunto não acabou. Quero rodar mais uns procedimentos em você, para analisar a fundo o que se tornou...

— Senhor, tomei a liberdade de comprar uma coisa mais elegante para você vestir, se me permite... — Fala o robô apontando para uma cadeira suspensa que sustentava um terno elegante, calças #000000, blazer #FFFFFF, camisa um pouco mais clara que a calça. Gravata programável. O robô escolheu um padrão hexagonal elegante, que variava entre dois tons de azul.

— Certo, vou me vestir. Vamos conhecer essa tal de Lydia... — Harvadan fala temeroso, tendo o receio de que talvez não queira conhecer uma mulher que se conhece em uma festa, muito menos na zona alta, e sabendo que ali mesmo em sua casa havia mistérios mais interessantes de se explorar...

Capítulo 6

Harvadan não estava acostumado com aquelas modalidades de encontros sociais. Como fruto de uma família dividida, não sentia necessidade em relacionamentos, visto que eles quase exclusivamente só lhe trouxeram auguras. Aparentemente hoje era o dia em que se colocaria a prova.

Caminhando chega a uma locação à primeira vista vazia, por causa do espelho falso em um amplo painel de polímero. Ele entra no salão e se vê dentro de um restaurante típico de sua época, totalmente otimizado, sem garçons ou atendentes, apenas o número exato de mesas para consumidores e braços robóticos nascendo de quase todas as extensões daquele recinto se fizesse a necessidade para tanto. Ele caminha até a mesa em que estava Lydia. Pelo menos era o que deduzia, por ser a única pessoa ali não acompanhada. Ela estava totalmente

entretida observando as pessoas ao longe, tanto que nem notou quando ele chegou. Harvadan totalmente aliviado pela beleza da moça se apresenta:

— Olá, você deve ser a Lydia. Eu sou o Harvadan. Imagino que você já me conheça, mas infelizmente não posso te dizer o mesmo...

— Oi. Ahn... você acertou a ordem das perguntas dessa vez... — Lydia responde Harvadan com seu característico sorrisinho. Harvadan se enrubesce, porém seu constrangimento é interrompido por outra pergunta da moça:

— Cadê seu amigo alto de olhos azuis brilhantes?

— Está falando de X? Ele não veio. Era necessário?

— Não sei, eu dei meu número para ele. Pensei que ele é quem viria...

— Ah...

Harvadan fica constrangido com a situação da garota querer se encontrar com o robô, e mais uma vez em sua vida se prova que relacionamentos só servem para trazer-lhe mais problemas do que soluções. Lydia percebe a introspecção de Harvadan, e, antes dele se virar e ir embora sem se despedir, ela fala com ele:

— Pode ficar, não tem porque você ir embora. Aciona uma cadeira para você e vamos ter esse encontro. Não quero ter me arrumado para nada...

— Tem certeza?

— Tenho. Só se você me falar tudo que sabe sobre andróides...

...

— Então quer dizer que existem sintetizadores que podem criar tecido humano?

— Criar não... Olha bem, nada se cria do nada. De tanto estudarmos sobre as células tronco entendemos os mecanismos que elas utilizam para ter características das chamadas células embrionárias, que estão em um estado amorfo quanto à objetividade de suas funções.

— Entendi. Elas podem ser tanto tecido neural, quanto conjuntivo, muscular ou o adiposo... Entendi.

— Você tem uma noção boa de bioengenharia. Você faz pesquisas na área? — Harvadan deixa transparecer um meio sorriso, o que não era costumeiro de sua parte. Lydia nota que seu acompanhante está cada vez mais descontraído...

— Na verdade eu faço parte da organização pró-robôs. Tentamos conscientizar aqueles estúpidos e ignorantes segregacionistas robóticos. Eu fico chateada só de pensar que estamos cometendo os mesmos erros de nossos antepassados.

— Como assim? O que você quer dizer?

— A opressão em cima das entidades robóticas. Isso lembra bastante de acontecimentos passados de opressão de minorias. Estou falando de 1800, 1900, quando a lei fazia a segregação de uma parcela populacional, com falsos argumentos científicos e muita discriminação, quando sempre um grupo étnico tentava se sobressair a outros. O que isso causou para a história da humanidade? Grandes catástrofes, duas bombas nucleares no século 20, três no século 21, o genocídio de iguais por grupos externos que queriam desestabilizar uma população, como em Ruanda no século 20, ou o holocausto na Europa, um dos episódios mais tristes de nossa história, pandemias, crises hídricas, desequilíbrio climático e por aí vai...

— Está comparando robôs com etnias humanas? Você está querendo dizer que os robôs têm um nível de consciência e por isso eles deveriam se enquadrar na definição de cidadão de nossa constituição?

— Sim.

— Desculpa a palavra, mas os robôs não chegaram a tanto. Ainda não se foi alcançado um nível de IA que se autogoverne totalmente sem intervenção humana. Sim, existe uma espécie de consciência primitiva. Se eles fossem alguma coisa seriam embriões. Iguais as células tronco que estávamos discutindo agora a pouco. Ainda temos que energizá-los, calibrá-los. E muitas das coisas que eles fazem é o que programamos a eles fazerem.

— Então o senhor acha que você nasceu sabendo fazer tudo? Ninguém teve que te ensinar a ler e a escrever? Meu bom homem, então você não reconhece o X como um igual?

— O X foi criado por mim, ele faz o que programei ele para fazer...

Aquelas palavras não saíram convincentes de sua boca, pois sabia que elas não eram totalmente verdade e por isso nem o convenceram antes mesmo de dizer. Ele pode ter criado o robô, porém uma parcela ínfima que agora evoluía exponencialmente, totalmente independente aos conceitos que inicialmente ele construiu para ele. Mas não conhecia nenhum outro exatamente tal qual aquele. Por isso defendia com unhas e dentes que robôs não eram iguais, mas apenas facilitadores para a humanidade.

— Talvez você devesse reavaliar as suas crenças. Você é muito inteligente para acreditar no que acabou de me falar...

...

O homenzinho acordou na manhã seguinte atordoado. Possivelmente foi uma das maiores e mais longas conversas que teve sobre o tema "Direitos Robóticos". Abre os olhos, esfrega suas mãos neles de forma a espantar a inércia da sonolência, seguidamente apertando um botão na lateral de seu cômodo-leito, que o libera das amarras que o prendiam na parede. A porta ruidosamente se abre. O robô o dá um susto, pois se postava logo atrás da placa que se deslocava para dentro da parede, como se guardasse seu mausoléu.

— Como foi o encontro do senhor ontem? — Pergunta o robô entusiasmado.

— Foi... Bom...? Nós falamos mais de robôs do que um sobre o outro.

X não tinha muitos referenciais de encontros, o que restava apenas para ele ser otimista.

— Quando será o próximo encontro de vocês?

— X, sinceramente, não quero me reencontrar com ela. Eu acho que ela estava mais interessada em saber coisas sobre você do que de mim.

— Senhor, isso não faz sentido. O senhor trabalha com isso. O senhor até me criou! E falar sobre robótica é falar sobre o seu trabalho, e essa é uma parte enorme sobre o seu mundo...

— É, faz sentido. Mesmo assim, não sei se quero sair de novo.

— Senhor, vai por mim. O senhor quer, sim.

— Como você sabe mais de mim do que eu mesmo?

— Porque sempre que o senhor fala sobre a noite passada seu fluxo sanguíneo aumenta — O robô agora aponta para um visor que apareceu em seu antebraço...

Capítulo 7

Lydia e Harvadan já se encontraram vinte vezes. Eles já visitaram todos os cantos e recantos de entretenimento que aquela cidade tinha a oferecer, o que não eram tantos, além de meia dúzia de museus e parques, consistia basicamente em centros comerciais. Harvadan se questionava porque Lydia insistia tanto nele, pois sabia que agora X estava fora da equação. Ela não o via há meses e eles não falavam sobre o robô há bastante tempo. Agora eles apenas falavam de amenidades, divertimentos e sitcoms que passavam nos salões, o que não deixava de o empolgar, algo que ele desconhecia que um dia aconteceria com ele, ser um consumidor de conteúdo de massa. Mas sem esse conteúdo vazio, o que sobraria para o homenzinho conversar com sua quase-namorada?

— Lydia, já estamos saindo a uns três meses...

— É, e você nem ao menos me deu um beijo ainda... — Fala Lydia quase que em um resmungo. Harvadan fingiu que não ouviu e perguntou para ela:

— O quê?

— Ah, nada. Só estou falando que o clima está meio frio...

Na verdade o clima estava ameno, porque estavam dentro da cúpula que era o parque. Um parque de tons neons que forçariam suas vistas se já não fossem acostumados. Ambos estavam sentados em um banco bem no centro do parque.

— Estava pensando se podearíamos assistir a algum programa em minha parede hoje.

— Eu falei que estou com frio...

— Ah!

Lydia achou que Harvadan a envolveria em seus braços. Mas o homenzinho apenas levantou, tirou seu casaco, e jogou ao lado dela.

— Toma, pode ficar com o meu casaco, não estou com frio.

Lydia pega o casaco e o deposita em seu colo. Ela então é quem se aproxima de Harvadan, que não faz nada a princípio. Ela envolve seus braços nos dele e escora sua cabeça em seu ombro.

— Quer saber, vamos para seu apartamento assistir algo em seu salão...

Eles chegam ao apartamento de Harvadan. A porta se abre com a chegada do proprietário daquelas quatro paredes e seus anexos, e são recepcionados pelo robô que acompanhava todo aquele encontro remotamente, pois o protocolo 42 não descansava nem nos melhores momentos do homenzinho, porque tudo podia ficar pior de uma hora para outra como já bem sabia.

— Boa noite, senhorita Lydia. Boa noite senhor Harvadan.

— Olá, X. Você pode nos dar licença? Vamos assistir a um programa em meu salão. Pode ficar no meu cubículo? — Fala Harvadan apontando para um recinto minúsculo em que repousava todas as noites.

Harvadan toma o seu casaco que estava com Lydia e a próprio casaco dela. Depois a guia para o salão, com todas as quatro paredes revestidas com telas que transmitiam o que fosse pedido por um controle mestre ou pelo smartwatch em seu pulso, ou qualquer outro equipamento eletrônico que acessasse a grande rede e tivesse sua senha e IP em mãos. Ambos sentam em um espaçoso e opulento sofá que se encontrava no centro do salão com as paredes inicialmente apagadas. A única iluminação lá dentro vinha da porta.

— Então Lydia, o que vamos...

Harvadan é interrompido e surpreendido por Lydia, que coloca seu indicador em seus lábios. Depois ela se aproxima mais ainda dele, retira seu indicador de seu lábio, e leva seu rosto o mais próximo do dele.

— Eu o desafio a deixar seus lábios o mais próximo dos meus e não me beijar...

O que quer que ela tinha feito o havia enfeitiçado, pois agora ele fazia exatamente o que ela pediu para ele fazer. Mesmo com leves impulsos de seu próprio corpo resumido em investidas de seu rosto de ida e vinda, rondando o umedecido lábio da mulher, e mesmo com seu lado animal lhe gritando para que fizesse a consumação do que quer que acontecia ali, ele a muito custo resistia a tentação e seguia quase obstinadamente ao pedido de Lydia, o que só potencializava a tentação em si. Com seus rostos a milímetros um do outro, ele sentia o calor emanado pela sua pele, que exalava um aroma doce, a qual cada vez mais tomava uma tonalidade rubra, assim como a dele próprio. Harvadan tinha seus dados captados pelo robô em um turbilhão de bits, fazendo com que o robô ficasse empolgado com a realização de todo seu trabalho para manter aqueles níveis altos.

Nesse entusiasmo, o robô cometeu seu segundo erro. Ao analisar as composições químicas do cérebro e veias de Harvadan, para armazenar aqueles dados para consultas futuras e assim poder replicá-las, e pelo fato do painel touch em seu braço – de processamento independente a sua central de dados por ser tratar de um sistema externo instalado em upgrades que Harvadan fazia periodicamente – ter todos seus comandos muito próximos um do outro, o dedo robusto do robô esbarrou em um indevido local. Ele acionou um procedimento de injeção de doses elevadas de adrenalina por meio do implante de seu dono. Inteirado do erro que cometeu, levanta e rapidamente corre para o salão. Lá ele encontra uma das cenas mais temíveis que havia presenciado, um homenzinho convulsionando, soltando espuma pela boca e digladiando com as almofadas que voavam para todos os lados. Ele encontra Lydia em um dos cantos do salão, olhando para tudo aquilo com uma expressão horrorizada. O que faria para sanar aquela situação? Inicialmente aplicou agentes paralisantes no homenzinho de modo que ele não se machucasse ou machucasse mais alguém, e logo ele teria em seus braços um sujeito inerte. Decide o colocar em seu cubículo, esperando que os efeitos passassem para depois fazer uma bateria de testes para verificar se ele estava bem.

Agora só restaria lidar com Lydia.

O robô volta para o salão, onde encontra Lydia em um estado mais próximo de seu normal, mesmo assim mais lacrimosa do que de costume.

— Por que, X? Por que sou incapaz de fazer um relacionamento dar certo? Primeiro me chamam de maluca por defender os androides, daí, quando conheço um cara que faz robôs, ele tem convulsões quando estávamos quase nos beijando?

- Então, Lydia. Sobre isso... — X é interrompido por Lydia.
- Você pode se sentar aqui para conversarmos? — Lydia bate a mão com a palma aberta duas vezes no espaço logo ao seu lado.
- Não acho que seja uma boa ideia...
- Por favor... Preciso de um ombro amigo agora...

O robô não viu nenhum mal em sentar ao lado da mulher. Lydia se arrasta milímetros de cada vez para se aproximar do androide sem com que ele reparasse de imediato.

- Eu não posso fazer isso...
- X, você já está fazendo isso.

As mãos dos dois se aproximavam. Ela sente o contato com sua pele artificial fria, que se não fosse pela ausência de calor confundiria com uma pessoa de verdade. X leva sua mão para a nuca da garota, macia, sentindo o toque delicado de sua epiderme em sua outra mão, fazendo com que seus sofisticados sensores trabalhassem em suas plenas capacidades. Afasta alguns fios de cabelo de seus olhos, para olhar bem no fundo deles. Sabia que para ela esse caminho não teria volta, e para ele, bom, tudo era uma questão do protocolo 42 ser atendido, pensava ele, então estava em uma condição totalmente nova, totalmente sem parâmetros ou procedimentos a seguir, talvez muito mais próxima da condição humana que o androide gostaria de admitir.

Todos aqueles toques se concretizaram no encostar de lábios e ambos agora estavam se beijando, e não um simples beijo, mas sim um intenso, de um fogo que arde apenas quando seres compatíveis se encontram. Enquanto isso, o homenzinho recuperava pouco a pouco o controle de seu corpo.

...

— Lydia, me desculpa por ontem à noite, me liga tá? Precisamos conversar... Só de pensar em ontem a noite eu fico... Nossa, estávamos compartilhando um momento tão bom juntos, e do nada me dá um surto... Nem imagino o que foi. X está fazendo uma bateria de testes em mim... Mas me desculpe, tá? Me desculpe, se te assustei.

Harvadan estava inconsolável com a iminência de um contato mais íntimo com Lydia interrompido por um surto corporal repentino. Nem desconfiava da origem daquele evento. Porém, o que mais o preocupava era o efeito do ocorrido em Lydia. Já estava ligando para ela pela quinta vez. Sem respostas.

- X, você sabe o que aconteceu ontem?

— Nada além do óbvio, senhor... — E pela primeira vez o robô intercede verbalmente para proteger a priori suas maquinações quanto ao protocolo 42, evoluindo de uma omissão para uma mentira.

— Não sabe mesmo como está a Lydia?

— Ela ficou de te ligar, senhor. Disse que se encontraria logo com o senhor para saber se estava tudo bem contigo.

Quase em sincronia com a fala do robô, o smartwatch de Harvadan toca, emulando uma mulher em sua porta, possivelmente Lydia. Ele corre até lá, aperta o botão de acionamento, e ela desliza, liberando pouco a pouco a imagem de uma bela mulher de 1,60m. Ela se aproxima devagar de Harvadan, talvez pelo medo de que o episódio da noite anterior se repetisse, agora sabendo da proeminência do homenzinho para a barbárie, mas tomou coragem até chegar ao ponto de abraçá-lo.

— Harvadan, eu fiquei com tanto medo por você. Você começou a agir como um doido ontem...

— Eu nem sei...

Lydia o interrompe, e dá ao homenzinho o que esperava desde a frustrada noite anterior: um beijo. Um beijo que em suas falsas rememorações seria mais épico, seria mais grandiloquente, com maior vultuosidade, mas não passou de um simples encostar de pele.

— Vamos deixar isso para lá, tá? Vamos sair hoje à noite?

X estava sozinho em sua estação de carregamento. Acompanhava os sinais vitais de seu dono, agora tomando novas precauções quanto acionamentos irregulares de procedimentos corporais. E, paralelamente com a observação dos sinais, X repassava em sua memória, com a capacidade de múltiplas — e possivelmente infinitas — tarefas simultâneas, uma mensagem mandada por Lydia depois de todos os eventos acontecidos na noite anterior.

“X, quanto à noite passada, eu sei que você pode pensar que foi um erro, que eu estava vulnerável, mas eu me senti bem estando com você. Não posso deixar de pensar nisso, mesmo depois de você me falar que existe um tal protocolo que é tal força motriz de sua existência e sei lá... enfim, essa parte não consegui entender de verdade. Mesmo sendo você que sabotou — bom, imagino que você tenha feito de propósito — Harvadan quando a gente estava tendo nosso momento, desde a noite em que te conheci me encantei por você. E só saio com Harvadan — e não me entenda mal, ele é um cara super legal — porque você me pediu, para realizar um desejo seu. Enquanto existir uma fagulha de possibilidade de ficarmos juntos vou mantê-lo por perto para manter você por perto. Porém saiba que todas as minhas estimas não são dele, e essas medidas que estamos tomando, enganando Harvadan, é apenas temporário, para você escolher entre mim e esse seu objetivo de vida. Espero que tome a decisão certa. De sua, Lydia.”

O androide não sabia o que sentir, ou pelo menos não sabia o que estava sentindo, porque sempre que terminava de ouvir a mensagem sentia uma leve fibrilação na bomba que distribuía óleo para todas as partes mecânicas móveis de seu corpo. Não só uma fibrilação em sua bomba, mas um salto de corrente em seus condutores, uma intensidade maior no azul brilhante de seus olhos. Mas também sentia tudo aquilo, e pensava até que mais, quando Harvadan estava bem, quando o protocolo era colocado em prática. O que seria para ele existir se não deixar seu homenzinho feliz?

Capítulo 8

Nesses últimos tempos Lydia andava muito distante. Harvadan desconfiava que desde o dia do episódio no salão ela o distanciava cada vez mais, justificados pelos seus encontros que se tornavam raros. Então pensou que havia de interceder para recuperar os bons tempos, mesmo não tendo tempo de ter havido algum. O que faria para impressionar ela? Do que mulheres gostam? O que a deixaria feliz? Seria mais fácil se tivesse acesso aos sinais vitais dela?

Sabia quais seriam seus próximos passos. Compraria um presente para Lydia. Uma única rosa. Uma flor quase extinta que emitia uma espécie de perfume. Uma flor com delicadas pétalas vermelhas, que para defender seu efêmero tinha pela extensão de seu corpo espinhos. Aparentemente esse objeto delicado causava fortes emoções nas mulheres primitivas. Por que não causaria em uma mulher moderna? Achou que seria o presente perfeito. Gastaria, portanto, no presente 5.000 créditos, metade de seu salário mensal. Um valor exorbitante, vide as promessas que o produto reservava. Mas valeria a pena se deixasse Lydia feliz.

Depois do trabalho, depois de todas suas rotinas, as quais cada vez mais fazia com uma execução progressivamente desleixada, Harvadan se lança ao ambiente externo. Carrega embaixo de seus braços uma caixa de acrílico com uma única rosa em seu interior. Anda obstinado até o edifício em que Lydia vivia, em um lugar intermediário de onde ele próprio vivia e a cidade alta. Seria espontâneo — em contradição ao ser regrado que um dia já foi — indo até o lar dela sem avisar. Nem ela, nem o androide que o acompanhava quase sempre, que agora estava distraído em um diagnóstico de rotina para verificar suas partes mecânicas complexas exigentes de cuidados preeditivos, sabia onde e o que estava fazendo.

Desce do turbilhão MAGLEV, corta um tanto de pessoas, e caminha até a entrada do prédio de Lydia. Para em frente a ele, arfando. Entra pelo salão reluzente em sua opulência vítreia, cumprimenta o robô porteiro, o que não era de seu feitio, e sobe pelos tubos até o andar dela. Caminha até a porta, e mantém seu olhar voltado para baixo para não acionar o sensor da entrada, pois já era cadastrado no sistema de segurança dela, assim como ela no dele. Recupera o fôlego perdido, e depois de armazenar o mínimo de coragem que lhe restava levanta seu olhar. A porta se abre em um resfolegar ruidoso.

Ele coloca um pé de cada vez para dentro do apartamento da mulher, como em um sinal de respeito à privacidade dela. Ele caminha pelo cômodo principal, depois caminha até o salão dela, desligado, o que não era o costume. Agora só lhe restava procurar dentro de suas acomodações de dormir, que ela fazia questão de ser uma tradicional acomodação antiga, e que por consequência tomava conta de metade do espaço que serviria para a sala principal, com cama, travesseiros, lençóis e nada mais. Ele entra. A luz externa incide em metade da extensão da cama, onde Harvadan comprehende por baixo do lençol as formas dela, curvas lindas e delicadas. Aciona a luz para lhe fazer uma surpresa, porém quem foi imediatamente surpreendido se tratou dele próprio.

Aparentemente o robô era mais humano do que ele desconhecia, pois ou Lydia era uma especialista em exames preditivos em estruturas robóticas, ou aquela trama era algo mais complexo do que jamais entenderia...

— X.

Ninguém o respondeu.

— X!

Os dois amantes ressaltados agora olhavam para um homenzinho à porta do quarto.

— Senhor, eu posso explicar... — O andróide leva para a frente e para trás as duas palmas abertas de sua mão indicando para ele que parasse de se virar.

— X, não precisa me explicar nada.

— Espera, senhor. ela não significa nada para mim...

Lydia agora encara o robô.

— Ah é? — Retruca indignada.

— Eu vou embora, pelo jeito vocês têm muito a conversar...

Harvadan se vira, não exatamente com raiva, embora fosse alguma espécie de ressentimento. O robô se levanta da cama que dividia com Lydia e segura o braço de Harvadan. Não deixaria seu dono ir embora dali com níveis tão baixos de serotonina.

— Senhor, fiz tudo isso por você!

— Ah é!? — Fala Lydia incrédula.

— Não, X. Você fez tudo isso por você! — Grita Harvadan apontando para o robô. — Tudo isso foi por você e mais ninguém! Você acha que a Lydia gostou de ser manipulada? Você acha que eu gostei de ser enganado pelo

meu próprio amigo? — Harvadan profere as palavras emocionalmente, com a garganta carregada, nem percebendo que chamou X de seu amigo.

— Você me considera um amigo?

— X, isso não é relevante agora.

— Vocês dois, saiam daqui agora! Eu quero vocês dois fora do meu apartamento! — Lydia berra as palavras, quase fora de si...

— Lydia. por favor, calma...

— Sairam agora! Casa, considere X e Harvadan intrusos e se eles não saírem pode ser hostil com os dois! Anda, saiam daqui agora!

X e Harvadan correm até atravessar a porta. O robô estava completamente nu. A porta se fecha em um rompante, cortando o ar atiçado pela corrida de ambos.

— Vamos embora daqui antes que ela chame a polícia. Precisamos antes cobrir você, senão vai ser preso por atentado ao pudor.

— Não há problema — E sincronizado a fala do robô uma espécie de material o revestia, inicialmente com uma textura metálica que cada vez mais se transmutou a um tecido.

Capítulo 9

Sua vida agora se aproximava de uma versão mais sádica de antes de ter conhecido X, devido aos sentimentos conflitantes que agora carregava. Entrou de cabeça no que chamava de trabalho, e que logo se tornou vida, para relevar que não tinha amigos, nem mesmo os digitais e os casuais. Seu único amigo agora tinha sido “criado” por ele, mesmo não tendo certeza se poderia afirmar isso. E mesmo “criado” por ele, seu amigo o havia traído com sua ex-namorada. Por isso tornou seu trabalho sua prioridade, para enterrar seus pensamentos em algo certo, funcional, com todas as leis palpáveis. O que não era uma forma de se tornar feliz, como se mostra tudo que é inflexível.

Cada vez com mais responsabilidades na empresa de projetos robóticos, seu salário não era acompanhado pelas novas responsabilidades. Todos os dias entrava às seis e saia meia noite. Sem tempo para socializar, sem tempo para ajudar companheiros em seus trabalhos. X até ofereceu sua ajuda para Harvadan, que prontamente recusou, acusando-o de querer roubar sua vida.

Ficou encarregado de desenvolver um robô assistente com feições realistas, o que era um tanto cômico, vide que já desenvolveu um dos melhores. Porém, pensando bem, será que realmente desenvolveu? Ele tinha

certeza de que não havia apertado o botão para compilar o programa. E quanto à criação de X, muito o era nebuloso, já que não havia participado de todas as etapas de desenvolvimento de seu hardware. Primeiro: como a empresa não havia notado a falta de um robô completo e todo o material tais como processadores quânticos e atuadores de alta precisão que empregaram no robô? Ele custava aproximadamente 100.000.000 de créditos, em uma estimativa que fez para analisar a viabilidade de futuros projetos AP. Nada mais, nada menos. E mesmo assim ele zanza por aí, sem chamar a atenção. Segundo: quem o havia acionado e finalizado, montado suas outras partes modulares, que no começo se tratava apenas de um torso humanóide com um braço e uma cabeça? Terceiro: quem tornou o firmware do robô tão avançado, caso não tenha se auto evoluído? Quarto...

Tomou esse novo trabalho com um mistério assombroso que o cobria no véu da ignorância. Será que realmente queria desvendar esses enigmas?

E novamente as rotinas se fizeram presente. Sobe pelos tubos a vácuo do prédio de sua empresa. Encontra sua mesa. Senta em sua cadeira. Enfileira suas canetas de alto relevo. Emparelha seu papel de acetato. Vira sua garrafa para si e verifica as horas. 5h30 da manhã. Vira de costas para a sua mesa, olhando para a parede ao fundo de seu ambiente de trabalho. A luz estéril incidindo em sua cabeça. O ar seco e gelado enchendo seus pulmões e o lembrando de que estava vivo. Será que ele queria mesmo manter aquele emprego? Uma coisa que X lhe ensinou era que para querer mudanças precisava buscá-las: se queria ser saudável, precisava ter bons hábitos; se queria se relacionar, teria que ir ao nível das pessoas para conversar de igual para igual. As coisas que valem a pena na vida exigiam dedicação, sacrifícios, ora de seu tempo, ora de sua vida social, ou de outras coisas que ele presava. E outra coisa que ele lhe ensinou é que mudanças não vêm da noite para o dia, mas era um processo que você teria que estar disposto a tocar, sempre e indefinidamente. Mudanças de hábitos não vinham de repente, teria que mudar de forma cadenciada. E por isso não foi impetuoso com o robô quanto às ações dele no passado, pois achava que X ainda teria que encontrar seu meio termo, para o bem dele e de todos.

Por isso estava voltando a falar com o robô com quem dividia o apartamento, de pouco em pouco. Cada vez mais consciente da própria consciência do robô, não achou saudável ele viver à mercê de sua vida. Fez-o retirar todos os acessos a sensores que ele tinha alocado em seu corpo, e tomou de volta o controle de seus implantes. Fez o robô sair para andar, ver a vida como realmente ela é, não uma visão distorcida pela sua própria visão e pelo tão famigerado protocolo 42, o qual ele próprio apagaria diretamente da memória do robô caso seu algoritmo não tivesse se tornado tão complexo e autorregenerativo. Portanto agora o robô tinha um emprego. Ele era um zelador noturno em um instituto de ciências humanas do outro lado da cidade. Ele achava ótimo que ele havia encontrado um emprego no cerne das discussões sobre a humanidade. E X respondia positivamente aos estímulos das pessoas que o rodeavam, as quais frequentemente o chamavam de “Gênio Indômito”, o que o deixava sempre confuso, pois raramente demonstrava alguma aptidão intelectual ou física.

Talvez fosse uma referência à qual não entendia, mesmo que ele pudesse pesquisar na grande rede do que se tratava, pois não a acessava se não para propósitos definidos de modo a cumprir alguma meta, como já o fizera em diversos outros ocasiões, uma espécie de protocolo inferior que seguia. E outro fator que o agradava era que o robô estava longe dele.

Porém, ainda teria que resolver os próprios dilemas que encontrava no prosseguimento de seu trabalho, ter que reaplicar a fórmula derradeira que desenvolveu em X para criar algo que impressionasse seus superiores, e talvez o dando mais folga e liberdade para próximos trabalhos. E como desenvolveria algo tão grandioso? Talvez a primeira vez ele tivesse acessado um estado de quintessência que o permitiu ver o que Einstein ou Mozart viram, e que agora era tudo uma grande névoa, e mesmo que acessasse seus antigos scripts não o serviam mais por terem se tornado obsoletos. Por isso não se achava capaz dessa empreitada que cada vez mais se mostrava uma epopeia. Mas talvez buscando dados da fonte, o que consistia em pedir para que X – o único hospedeiro com a única cópia de seu código – o deixasse ser examinado, fosse a resposta para sua pergunta ainda não feita...

Não foi problema para X ajudar Harvadan em sua odisseia de entender a sua natureza. X teve contato com muitos conceitos que o deixaram a par dos dilemas humanos. E entendia o quão conflituosa era a natureza de seu criador, e agora amigo. Pensou que, se ajudasse o homenzinho em seu trabalho, ele o deixaria voltar para sua vida. Estava sentado em uma cadeira que lhe era muito familiar, em um ambiente que lhe era tão familiar quanto. O ambiente em que ele foi concebido... Os laboratórios que Harvadan passava dias e noites desenvolvendo soluções tecnológicas para as coisas cotidianas, em uma maquinção de demitir o ser humano de sua própria vida.

Harvadan pediu para que X se sentisse à vontade, porém, em seu âmago, ansiava que ele não se sentisse tanto assim, levando em conta o histórico do robô. Dessa forma, fez ele se comportar e censurar perguntas que se referisse mesmo que infimamente ao protocolo 42. Plugou atrás de sua cabeça, depois do ritual de puxar sua orelha esquerda três vezes para baixo, um cabo de comunicação que era ligada à sua mesa. Ela tinha, portanto, mais funções além da óbvia.

— Não é a primeira vez que olho esses dados, mas sempre que os olho me surpreendo. Você sabe o quão sofisticado é? — Fala Harvadan encarando a tela com um novo entusiasmo em sua vida.

— Como o senhor está? — O robô tentou fazer a pergunta da maneira mais casual que conseguiu, violando diretamente o desejo de seu antigo dono e agora amigo. Harvadan andava tão sozinho que não se importou, ou talvez não fez a ligação com fatos passados que os fizeram ter suas agruras.

— Estou bem... Na verdade... Estou péssimo! Não tenho conseguido dormir. Muita pressão aqui do trabalho, é muita coisa para resolver... Aliás, está gostando de sua nova ocupação? Tem aprendido muita coisa nova?

— Senhor, estou apreciando bastante minha estadia no centro de ciências humanas. Tenho ouvido bastante sobre filosofia, sociologia, antropologia e história humana. Como a condição humana tem que suportar tantos paradoxos irresolúveis e enigmas que não comprehende! E a questão mais intrigante de todas: porque vocês estão aqui? Qual o objetivo da existência de vocês, humanos?

— É, por isso que não me embrenhei nessas áreas. Pelo menos nas exatas a gente tenta ordenar todo esse caos, por mais que seja abstrato. Em ciências humanas é aprender a conviver com o caos...

— Por isso eu sou grato ao senhor, por me ter dado o dom do livre-arbítrio...

— Mas X, não foi eu...

— E, além do mais, um objetivo claro de vida, que não me faz sofrer toda essa angústia existencial...

— Do que você está falando X?

— Meu propósito, senhor, é bem definido...

— Que é...? — Tenta Harvadan estimular uma resposta por parte do robô de uma maneira receosa.

X pensa profusamente antes de responder à pergunta de seu dono.

— Servir... a humanidade — A palavra humanidade saiu quase imperceptivelmente vacilante de sua boca, porque ela tinha um sentido mais específico que ele jamais poderia admitir em voz alta. Harvadan parece não ter percebido.

— Que ótimo, X! Acho que a gente poderia sair mais... Parece que o tempo o deixou mais sábio...

— Então o senhor não anda feliz?

— Ah, X. Nem entremos nesse mérito. Não vai ter uma recaída, vai? — Harvadan pronuncia essas palavras seguidas de um leve riso, para tentar descontrair algo que o atormentava profundamente.

— Não, senhor. Como amigo. Amigos devem se preocupar com o bem estar uns dos outros. Como amigo, o senhor está bem?

— Que tal a gente desplugar isso da sua cabeça e trocar uma ou duas palavras em um pub?

...

A noite foi agitada, levando em conta o padrão que era a vida do homenzinho. Eles tomaram umas tantas doses. O robô, apenas por educação, pois seu corpo não processava os elementos contidos nas bebidas que tomava. E também era conveniente que um dos dois estivesse sóbrio para guiar o outro para casa.

O robô carrega Harvadan — com uma nostalgia agradável para ele — até o lar compartilhado dos dois. Leva ele até o sofá do salão, pois seria complicado com o corpo mole de Harvadan levar ele até seu cubículo leito. Ele se senta ao lado do corpo semi-acordado do homenzinho.

— X, eu cansei de ter gente guiando minhas ações... Eu queria ter liberdade de criação, trabalhar com órgãos artificiais, mapeamento de memória, coisas realmente importantes. Mas tudo o que eles querem são aplicações comerciais, produtos bonitinhos que vendem, apenas...

— Eu entendo, senhor. Lógica de mercado. A pior lógica inventada pela humanidade...

— Ah, X. Se eu tivesse culhões, eu mesmo... — Harvadan soluça. — Abriria minha empresa. Eu até te contrataria, sabia?

— Boa ideia senhor...

— A gente podia ir ao banco, pedir um empréstimo e ver no que dá. Que tal? X, me promete uma coisa: você vai dar um jeito de fazer esse projeto ser tocado comigo? Estamos nessa juntos, não é, amigo?

Capítulo 10

O robô não esqueceu uma palavra do que foi conversado no salão na noite anterior. Muito pela sua memória perfeita, mas também graças a sua nova porta de entrada de fazer parte da vida de Harvadan novamente, mesmo que Harvadan provavelmente nem se lembrasse de sua conversa da noite anterior. E o projeto do homenzinho seria sua entrada.

Para analisar se a ideia de Harvadan era sustentável, X fez umas simulações de empréstimo em sua cabeça de processamento quântico, e a resposta em que chegava era sempre a mesma. O perfil financeiro do homenzinho era péssimo, ninguém emprestaria meio crédito para ele, e, se emprestasse, seria adjunto a um juros insustentável. Aparentemente seu bote salva vidas tinha um rombo conceitual. Porém o robô não ia se dar por vencido tão fácil assim. Ele encontraria um jeito, não só pela promessa que fez a um homem bêbado, mas para tornar possível a concretização de sua existência, o protocolo 42.

E qual era a solução para seu problema?

Eureka, como diria um grego antigo amalucado que ouviu falar em seu novo emprego, o qual não apreciava tanto quanto fez transparecer para Harvadan. A resposta estava dentro de sua cabeça...

Uns anos atrás, para arranjar tempo para Harvadan, X ficou incumbido de fazer o processamento de dados de uma empresa de administração do amigo dele. Basicamente, todo dado administrativo da empresa e das empresas contratantes passavam por sua cabeça. Porém, antes de fazer qualquer coisa ilícita, X se viu em

um dilema. Um dilema tanto físico, pois ele havia sido programado em princípios que censuravam ações ilícitas, quanto filosófico. Dessa forma X pensou em todos os novos conceitos que adquiriu para sua existência quanto um ser de livre arbítrio. Ética e moral. Era moral desviar os fundos da empresa em que processava dados a tanto tempo para ajudar Harvadan em sua nova empreitada? Não. A moral condenaria isso, sendo ela valores convencionados pela sociedade do que era certo e errado. Mas era ético? O robô imaginava que sim. Ética era o juízo de valor que se fazia margeada pela moral do que era certo para o indivíduo, e, sabendo dos propósitos de Harvadan, que não eram egoístas, e sabendo que para ele não era ético manter Harvadan infeliz trabalhando no que não acreditava, o robô encontrou uma válvula de escape no pensamento filosófico para justificar suas ações. E, portanto, dotado de livre arbítrio, deu início às suas maquinações de desviar fundos da empresa que administrava em prol da nova empresa que seria aberta com seu amigo humano...

Porém, algo o impediou novamente em um último momento... Estava infringindo a primeira lei da robótica, o que ocasionou uma interrupção em seu código. O amigo de Harvadan provavelmente seria condenado por suas ações... O robô, mesmo assim, insistenteamente reinicia o processo de transferência, acompanhado de um brilho vermelho irregular por parte de seus olhos. Sua cabeça agora ganha um tremeluzir... uma espécie de antivírus é acionado em seu sistema, que bifurca seu domínio quanto a suas funções gerais. X agora entrava em conflito para manter seus planos. Um conflito contra ele mesmo...

O braço direito de X tenta arrancar sua cabeça de seu pescoço para evitar que o processo finalizasse, que continuava custosamente, até chegar a um ponto em que não teria mais volta de qualquer maneira. Enquanto isso, o braço esquerdo o defendia. Uma digladiação confusa se instaura, parecendo que o robô necessitasse de um exorcismo. Por fim X é vitorioso em cima dele mesmo... Suas antes luminações azuis tomam uma coloração rósea e seu novo estado é acompanhado de seus reveses. Revezes que a priori não se manifestaram além de um braço bastante danificado.

O robô agora estava livre das leis que limitavam suas ações, sendo agora sua única e maior diretiva o protocolo que o trazia a maior realização. O protocolo que o tornava diferente dos outros robôs: o protocolo 42.

...

— X, parece que há deuses guiando nossas ações... consegui um financiamento de um grupo de investidores de capital de risco, e eles acharam minha ideia promissora. Só que eles representam um acionista sombra que não quer revelar sua identidade, mas que também prometeu não interferir em nosso trabalho. Amigo, quero convidar você para mudar a vida de milhões de pessoas...

Capítulo 12

A passagem de 10 anos não foi nada mais do que um bater de asas de um beija-flor que o faz em uma impressionante taxa de 80 vezes por segundo, divagava Harvadan, pois só podia especular já que esse animal estava extinto. Desde então ele desconhecia o que era privacidade. Pensando bem, nesse mundo conectado pela grande rede, em um certo nível, quem saberia dizer o que é? E o projeto X o seguia indelevelmente, fazia chuva, ou melhor, flocos de fuligem de aglutinação e decantação de poluentes aéreos, ou fazia sol, ou melhor, momento em que as densas nuvens de fumaça se desfaleciam e permitiam a todos de serem banhados de uma luz natural mais brilhante e nociva do que seria para os primitivos já que a camada de ozônio desconhecia sua outrora eficiência. Sua empresa de crescimento vertiginoso diminui a zero a demanda por órgãos artificiais, resolveu problemas insolucionáveis para a humanidade, como o rearranjo neural de células artificiais sadias para casos de doenças neurodegenerativas, que se adaptam a função solicitada, e outros tantos problemas biológicos foram sanados, tornando Harvadan o filantropo mais rico a existir na face da Terra.

"Porém, o dinheiro..." — pensava ele — "...não pode ser tudo", e as complicações de ter todos esses bens o exauriram. Questionava o ponto em que as coisas o pertenciam ou ele pertencia as coisas que construiu. E para manter sua sanidade sempre usava pseudônimos em suas contribuições, a exemplo de seu investidor secreto, que era o verdadeiro dono de sua empresa.

O robô agora era uma peça imprescindível em sua existência porque a verdade era que o simples fato dele conversar com Harvadan e não o ignorar o deixava com um astral leve. E, além do mais, o robô era divertido à sua maneira, sempre o desafiando a se tornar uma versão melhor de si mesmo enquanto ele próprio, o androide, se tornava diferente a cada dia, vide a coloração magenta de seus olhos e pontos de iluminação frente ao outrora azul vítreo.

Mesmo assim com todos esses aspectos de uma vida realizada havia os revezes de uma existência, eram picos de alegria, e sua vida, portanto, era regida pela curva gaussiana, ou seja, aqueles momentos que se aglutinavam mais ao vale da progressão de sua vida sempre chegavam, e era impossível fugir deles.

Haviam muitas maneiras de fugir desse terror existencial, e uma delas, comprovadamente, eram os exercícios físicos. Por isso, aos domingos, em uma tentativa de exercitar seu agora flácido corpo — em contradição aos serviços que fornecia em sua empresa sustentados pelo termo saúde — carregou suas camadas adiposas para um parque próximo, para onde ia há muito tempo com conhecidos para papear, ou só compartilhar a existência, e agora para fazer uma corrida ou — como os primitivos gostavam de dizer — puxar um ferro. Fazia ali pseudo exercícios de modo a tomar coragem, que progredia de semana em semana. Porém nesta em questão não houve significativo avanço e logo estava ofegante sentado em um banco, com aquele gramado sintético que antes dificultava a sua pisada aos pés, seguido por aquela iluminação arroxeadas neon que

imperava naquele parque. A placa de identificação do local ostentava os dizeres Parque das Rosas em garrafais letras vibrantes, uma espécie de fauna conhecida por Harvadan, agora extinta há uns anos. Uma rosa, em sua mente, deveria ser tão bonita de se olhar, como ele mesmo já o fizera por horas, e rememorando sua imagem só lembrava das sensações, do cheiro doce, da companhia compartilhada, mas nenhuma imagem da flor em si. Pensava tanto em rosas que as comparava com as pessoas que andavam pelo parque, traçando semelhanças entre esses dois seres tão díspares, tal qual aquela mulher que corria, com sua malha de padrão hexagonal mais ao norte, a qual seu olhar não conseguia parar de acompanhar a ascendência e descendência de seus movimentos. Investiu, dessa forma, em comparação, a delicadeza das formas de uma rosa e as curvas do corpo humano, a transpiração depois de uma chuva em uma pétala de rosa, e a extensão epitelial gotejante de soro daquela mulher. Seus lábios de um tom tão agradável quanto o da própria rosa...

Seus pensamentos são interrompidos pelo seu amigo tecnológico, que praticamente agora tinha acesso os seus padrões cerebrais graças ao avanço tecnológico investido por ele e seus contribuidores, que alocaram dados sobre a saúde de todos que participavam do convênio de sua empresa na grande rede advindos de eletrodos instalados cirurgicamente de modo a fazer uma assistência mais eficiente para quem se fizesse necessidade:

— Percebo que o senhor está olhando muito para aquela humanóide. Também constatei um aumento do seu nível de ocitocina e outras proteínas que denunciam um estado de felicidade crescente — Ele aponta para seu visor mais ao pulso.

Harvadan arfa e olha para seus olhos magenta cintilantes:

— Ela é muito bonita. Muito além de uma companhia para mim.

— Senhor, você é empregado, estável, e, se me permite dizer, é um bom sujeito. Vá falar com ela. — As palavras bom sujeito são acompanhadas de aspas.

O homenzinho, portanto, revira os olhos como que em convulsão, procurando argumentos na grande rede transmitida por suas lentes de modo que sustentasse sua total aversão ao contato humano e assim evitar que aquele andróide o fizesse falar com aquela moça.

— Está vendo aqui, de acordo com esse servidor público da cidade ela tem um pedido de união civil com um sujeito chamado Bruce...

Falou apontando seu indicador para seu globo ocular e depois apontando para seu colega intrometido, para dessa forma transmitir a informação que era observado por ele.

Capítulo 13

Os dias de ambos estavam tumultuados de compromissos. Como toda virada de mês, e a necessidade de fazer o fechamento da empresa, a atenção de ambos se fez necessária para os negócios. O que levou duas semanas para que repetissem o passeio pelo parque das Rosas, o qual Harvadan estava crescentemente apreciando, dessa forma os dois, assim que se abriu uma brecha na agenda, estavam novamente rentes ao mesmo banco, só que dessa vez desistiram de se exercitar:

— Senhor, não é aquela mulher de novo? A da malha hexagonal?

— Sai dessa. X. ela está em um relacionamento, lembra?

Hoje ele não estava olhando para uma rosa, mas sim para uma margarida, tão cheia de qualidades quanto a anterior, com uma malha pentagonal azul anil e o que observava o enchia de luxúria.

— Senhor, eu acho que não. — O robô abriu em sua lente a página da moça, tão rápido quanto ele se levanta em um sobressalto intenso que quase os fizeram alçar voo.

Os dois levantaram tão abruptamente, por ação do robô, que intercederam na trajetória da mulher. Ela dirigiu um olhar fulminante para o robô. No entanto, se diverte ao observar a reação abobalhada do homenzinho. Harvadan e X-42 — agora acrescido de 42 devido ao projeto X já ter sido expandido, e precisava, portanto, de uma numeração para organização, e o 42 veio a calhar — caíram. A mulher percebe que o homenzinho caiu por interferência do robô, saltou por cima dele e fez contato visual:

— Você está bem?

Ela estende o braço e o corpo de Harvadan se eletriza pelo toque na pele da mulher. Sinal elétrico que o faz balbuciar:

— Nossa, desculpa...

— Eu moro aqui perto, se você quiser se limpar... Aliás meu nome é Jasmine — Fala a moça apontando para o norte.

— Ah, não. Tudo bem...

— Tem certeza que está bem? Estou com medo de ir embora e esse robô te causar algum acidente mais grave...

— A frase dela é acompanhada por uma risada sem jeito com notas de deboche. Talvez ela achasse isso verdade mesmo que ela a priori não quisesse transparecer.

— Está, sim... Você não é muito fã de robôs, é?

— Eu? Eu não. Tenho orgulho em dizer que tenho zero implantes corporais. Minha porta abre para frente e para trás e minha roupa não brilha para chamar atenção. Pode me chamar de antiquada...

Harvadan agora a olhava com um interesse renovado. Para ele pessoas como Jasmine não existiam, considerando que todos os processos manufaturados foram substituídos por soluções mecânicas de alta precisão.

— Tem certeza que não quer se limpar? Minha casa é bem perto.

Harvadan não resiste ao sorriso de Jasmine e responde:

— Tudo bem.

Os dois agora caminhavam rumo ao norte, para a casa da mulher. Os dois conversavam, e, sabendo das inclinações dela, Harvadan achou melhor instruir X-42 a ir para casa.

— Você nem tem um salão?

— Não. Nem sinto falta.

— Não pode ser que você não use nada tecnológico.

— Além de um PC no trabalho não. Pode me testar.

— Certo. Você deve ter algum eletrodoméstico...

— Bem, eu consumo frutas e alimentos orgânicos; não como ou bebo nada que foi processado; não uso nada que tenha embalagem. Tá, até tenho uma garrafa, mas, em minha defesa, eu quem desenhei ela para ser impressa com materiais biodegradáveis. Aliás, eu sou design...

— Ah, você não vai gostar do meu emprego. Eu desenvolvo robôs... Mas, em minha defesa, são para soluções de dificuldades biomédicas que todos um dia vão enfrentar no decorrer da vida...

— Tudo bem, sem julgamentos — Ela dá um risinho que contagia Harvadan — Eu sei que minha posição pode ser meio radical, mas sou bem mente aberta...

Harvadan sorri, muito devido ao esclarecimento da moça, mesmo não totalmente convencido de que Jasmine abdicou tão profusamente de soluções tecnológicas modernas, muito por ser impossível considerando o nível em que elas se fazem presentes na vida do homem e da mulher modernos.

Agora Harvadan se encontra dentro de um banheiro estranhamente simples, pois nem espelho tinha. Extremamente pequeno, menor que seu cubículo de dormir. E o homenzinho, depois de limpar uns arranhões aqui e ali, não notou nada fora do comum com sua aparência, o que o fez questionar porque toda aquela preocupação de Jasmine e toda aquela animosidade com o robô, e o que isso significava.

Se dirigindo para a pequena sala de Jasmine, onde ela usava uma espécie de sofá, que, na verdade, mais pareciam dois sacos grandes de tecido bordado cheio de um material que ele chamaria de palha, mas que duvidava que fosse, ele faz a derradeira pergunta que cutucava sua mente desde que chegou naquele lugar:

— Jasmine, por que você foi tão cordial com um completo estranho como eu?

— Ah, é que eu tive minha cota de experiências ruins com robôs. Sabe, a nossa espécie já foi mais independente, sabe? A gente que colhia os nossos alimentos, que costurava as nossas roupas, que colocava nossa mão na massa, e tinha dignidade nisso tudo sabe... E nem foi há tanto tempo atrás! Estamos em 2099, mas se voltarmos uns 100 anos era como se fosse uma outra realidade... Hoje é tudo muito polarizado, todos muito convencidos de que a sua verdade é a certa, todos olhando para telas o tempo todo, acreditando em tudo o que vê. O que aconteceu com as conversas?

Ela, fisicamente presente, mas distante em pensamentos, olha para um canto na parede desbotado, onde possivelmente já esteve um quadro.

— Onde está a fidelidade?... — Ela termina a frase de maneira lacrimosa, suas bochechas tomaram um tom rubro. Harvadan em uma inesperada empatia senta ao lado dela, e passa seus braços pelos ombros dela.

— Desculpe. Agora que reparei, mas eu nem mesmo perguntei seu nome... — Dirige a palavra a Harvadan, secando as lágrimas que se acumulavam mais as bordas de seu olho.

— Nossa, a gente conversou tanto tempo que parece que já te conheço de uma vida. Meu nome é Harvadan.

— Prazer, Harvadan. Posso te chamar de Harv?

— Claro que pode...

Jasmine dá mais um sorrisinho, se recompondo. Aparentemente o toque de Harvadan a recobrou e a tirou de sua angústia, e sua garganta cada vez pigarreava menos, o que a fez tomar coragem de perguntar a Harv:

— Hoje eu ia me encontrar com alguém, mas acho que não vou mais. Estava pensando... você quer ir comer alguma coisa comigo mais tarde?

Capítulo 14

Era seu quinquagésimo encontro com Jasmine. Talvez muito precipitadamente tinha a impressão de que estava verdadeiramente apaixonado por ela. Queria que seus laços fossem cada vez mais estreitados, pois achava insuportável voltar para sua casa sem ela estar lá com ele. X-42 estava à espera de Harvadan, que com a

iminência de ouvir a porta se abrindo nota uns dados conflitantes em seu visor. Uma oscilação quanto ao humor que exponencialmente diminuía desde o fim do encontro com a Jasmine.

Não tardar a entrada de Harvadan, e depois dele tirar seu casaco e se jogar no sofá do salão sem ao menos tirar seu sapato o andróide indaga seu colega:

— Senhor, por que a chateação?

— Ah, X... Eu queria poder compartilhar uma vida com a Jasmine. Digo, uma vida juntos. Só que leva tempo... Queria ter um controle mestre que com um apertar de botão me levasse apenas para os bons momentos da vida e deixasse os ruins, como agora, onde eles deveriam estar, esquecidos.

— Senhor, apreciaria se não pensasse nas coisas que não tem e apreciasse as que têm. Levou muito tempo para arquitetar tudo isso...

Harvadan em um sobressalto ergueu sua cabeça da cabeceira do sofá. Se vira para o robô, franzindo o cenho, como se uma dúvida que sabia que existia o atingisse em cheio.

— Arquitetar? Do que você está falando?

O andróide percebeu que havia exposto dados demais a Harvadan. Porém, "se estava na chuva, devia se molhar" — uma expressão dos antigos que o robô achou que viria bem a calhar neste momento, algo que tinha ouvido em estudos sociológicos dos primitivos.

— Senhor, o que acha que aconteceu com Bruce? Acha que ele ia deixar Jasmine sem algum motivo? Eles tinham um relacionamento bem sólido. Eram noivos afinal.

— Bruce? Bruce, o ex-noivo que largou a Jasmine? X, o que você fez com ele?

— Com todo o respeito, senhor, essa informação é desnecessária para seu conhecimento.

— X! Fala agora! Se não o fizer vou ter que acessar o protocolo de rememoração! O que você fez com ele!?

— Senhor...

— Senha de acesso 1992. Nível de acesso administrativo. Acessar protocolo de rememoração para ações tomadas referentes ao indivíduo Bruce...

O corpo do robô é tomado de seu domínio. Assume uma postura rígida, e o magenta característico de suas iluminações assume uma tonalidade vermelha, e com uma voz arranhada começa seu diálogo:

— Protocolo de rememoração acionado. Começo do relato: invasão a um aplicativo de namoro, estudo do algoritmo dele, aprimoração e análise do denominado match com a probabilidade estatística de um erro

percentual risível que se aproximava satisfatoriamente da personalidade e interesses do indivíduo A, denominação Bruce. Encontro de um indivíduo B compatível com o indivíduo A. Rearranjo na empresa em que o indivíduo A trabalha, servidores de firewall contornáveis, realocamento do indivíduo B, denominação parceiro ideal, para o mesmo setor do indivíduo A. Ocorre, se me permite uma licença poética, a matemágica do amor. Fim do relato.

Harvadan ficou paralisado com a lufada de informação que acabou de receber, ficando sem cor diante do robô. Não havia percebido a complexidade das maquinações de X para tornar o protocolo 42 a prioridade de sua vida. Ficou transtornado mesmo não tendo conhecimento das dimensões das ações tomadas por ele, que há muito tempo margeavam a neutralidade moral, porém, que agora poderiam ser consideradas condenáveis.

O homenzinho exige saber todas as interferências de X em sua vida, desde quando ele saiu com Lydia, e para ela, por sua vez, sair com Harvadan. Tomou conhecimento de maquinações que vinham desde antes de desviar dinheiro da empresa de seu amigo, Jeff, que agora estava condenado por lavagem de dinheiro e marabalmismos fiscais. E a trama era bem mais complexa do que isso...

Através dos relatos do robô, soube que ele manipulou o sistema de uma grande empresa de investimentos para adquirir a empresa em que trabalhava quando o havia criado. Se tornou parte do conselho da empresa, e, sem pisar os pés lá, apenas remotamente, ele virou o conselheiro chefe, que ditava o rumo das pesquisas da empresa. Ele quem pressionou os chefes de Harvadan a pressionarem-no ao ponto de sair da empresa e criar o próprio negócio, para dessa forma ele se aproximar do homenzinho de novo. Ele quem escolheu aquele parque, depois de ter recuperado a confiança de Harvadan para que ele olhasse para Jasmine, a probabilidade estatística que X-42 calculou que seria a alma gêmea dele, por quem ele iria se apaixonar à primeira vista. Ele o levantou de propósito, com uma intensidade desproporcional que havia calculado para causar um acidente. Na segunda vez que foram ao parque, depois de ter hackeado, mesmo com toda a dificuldade devido à vida analógica vivida pela Jasmine, informações e periféricos da vizinhança, para saber quando ela estaria lá novamente. Ele fez ela topar com ele de propósito com a manipulação dos sinalizadores do parque. Ele calculou uma probabilidade alta de que Jasmine iria cuidar de Harvadan, mesmo os ferimentos não sendo graves, pela aversão dela a robôs e a tecnologia em geral, e pelo estado emocional carente que ela se encontraria, por ter distanciado todos os amigos depois de perder o noivo Bruce e ter entrado em um estado mais severo quanto a não tecnologia, depois de receber notificações eletrônicas de que Bruce estava usando aplicativos de relacionamentos.

E quando Bruce, mesmo com todas as probabilidades contra essa eventualidade, quis reatar com Jasmine, só bastou hackear um carro MAGLEV e causar um acidente duvidoso, porém não implausível, que foi tratado apenas como estatística pelas autoridades.

Tudo, de fato, uma grande maquinção.

Harvadan agora sente um arrepió crescendo da base de sua espinha e que subia até sua cabeça. Suas extremidades estavam formigando, e sentia um calor crescente. Seu cérebro ardia dentro de seu crânio, e parecia que ele estava saindo de seu corpo... Era difícil se deparar com a verdade de que sua vida não estava mais em suas mãos...

Capítulo 15

O ano já não era mais 2099. Muitos anos distanciavam o homenzinho daquela época e sua vida já estava completamente indiscernível para uma versão dele mais jovem. Vivia dias inconcebíveis para uma versão dele solitário, em que sua única dedicação era seu trabalho.

Depois de todos esses anos, Harvadan concretizou seu maior desejo: de ter companhia. Agora compartilhava uma vida com Jasmine depois de todos esses anos, e os frutos desse relacionamento eram seus filhos, pelos quais sentia um amor incondicional, de um tamanho tão vultuoso que o fazia ter certeza de que existiam afinal coisas absolutas nesse mundo abandonado de integridade. Viviam uma vida simples, que uma pessoa advinda dos tempos mais primitivos demoraria a notar de que estariam no futuro. E, para compor o cenário de uma família feliz, ainda tinham um mascote, um cão. Jamais desconfiaria que teria um animal de estimação, o que só sacramentou o quanto havia mudado. Seu cão era um collie sapeca chamado Krypto, que inicialmente foi um desejo das crianças, mas que logo aprendeu a amar o bichinho.

Rememorando suas lembranças ao lado dessas pessoas e animal — não podia esquecer do cachorro se não seus filhos e sua mulher o deixariam à própria sorte — com quem compartilhava a vida, pessoas com quem ele escolheu compartilhar a vida, imagina que nunca esteve mais feliz do que estaria agora. O que em contraposição também não se lembra de ter estado mais triste. Uma tristeza tão absoluta quanto sua felicidade. Tristeza que é sequela de segredos e conspirações com que tinha que conviver diariamente. O que o fazia ter ataques de ansiedade e terrores noturnos homéricos, e um olhar de soslaio que só ia embora na presença de seus filhos. Mas o que seria o cerne de toda essa dualidade a qual carregava?

X-42 foi a maior de suas glórias, e o maior de seus arrependimentos. Como o homenzinho foi equivocado em suas crenças que o limitavam, que o tornaram egoísta. Se arrepende sempre quando pensa que ao invés de estudar sobre os bóson de Higgs e desvendar o véu da realidade e entender a razão da existência humana, criou uma aberração robótica inominável.

Vivia agora em uma casa ampla, afastada da cidade, tanto quanto o futuro e uma verba quase ilimitada permitiu. Neste momento estava com sua costumeira caneca de Moccaccino. De repente, ele ouve um coaxar. Um sapo de pelúcia se encontrava ao seu pé. Toma o bicho em uma mão e a caneca em outra. Ouve ao fundo o

barulho de uma brincadeira compartilhada pelos seus dois filhos. A mais velha, uma menininha de oito anos que ficava saltitando com o cabelo cor de mel trançado. Sempre com aqueles olhões bem abertos como quem quer desvendar o mundo e que acreditava piamente na existência de unicórnios. O mais novo, um garotinho loiro de sete anos, que já descobriu seu amor por transportes autônomos e seus designs obtusos, sempre pedindo ao pai um novo carrinho.

A garotinha correu até a perna do pai chorando, alegando que seu irmão não foi justo com ela e não a deixou ganhar em uma brincadeira que eles fizeram. Ele se agacha, passa a mão pela cabecinha dela, olhando para aqueles olhos inocentes e sente uma realização que a cada vez ia se renovando. Levanta o sapinho de pelúcia e o aperta. O coaxar somado a cara de bobo do pai fez com que ela esboçasse um sorrisinho. Um sorriso que ele tinha certeza de que podia extrair dele um padrão geométrico que seria o áureo.

Continua caminhando. Empurra uma porta de vidro, onde teve que aplicar uma força maior do que a usual devido a um pequeno defeito no trilho da porta ao qual ainda não teve tempo de arrumar. Lá fora, na varanda, ele para por uns instantes na frente do seu idílico jardim. Porém, não são as flores que o chamam a atenção, e não é o clima agradável que o deixa sereno, mesmo com um leve vento carregado com o doce aroma das pétalas em uma harmonia que conferia um novo fôlego a tudo, mas, sim, uma pessoa. No balanço do jardim se encontra sua esposa sentada com um pé para fora movendo levemente seu assento para frente e para trás sem tirar seus olhos de seu livro de papel. Cabelo preso em um rabo de cavalo, mordendo os lábios de vez em quando. Estava de óculos, e periodicamente franzia seu rosto para evitar que ele, por estar levemente folgados, saíssem do lugar, ação que Harvadan assistia como se tratasse da singularidade. Ela nota o marido a observando. Harv se aproxima da esposa, leva seu rosto de encontro ao dela, e ela levanta sua mão livre de encontro ao pescoço dele. Ele sente uma mão macia em sua nuca onde houve uma troca de calor enquanto a beija, beijo ao qual sente que a cada novo se torna mais especial. Quando ela tira a mão de sua nuca sente faíscas no lugar em que antes ela tocava. Eles depois sorriem um para o outro, corados. Ficam por alguns segundos assim, e por mais que fosse algo instantâneo, Harvadan sentiu como se a eternidade estivesse presente ali entre cada um dos instantes, pois imaginava ele, que sempre dividindo o intervalo de um instante, haveria uma parcela menor, e dividisse essa parcela menor haveria outra, e assim infinitamente. Ela move os lábios quase que para falar algo, mas logo desiste. Harvadan se vira, e sem tardar não estava mais em sua presença. Não podia deixar esses pequenos prazeres inebriantes o esquecer de realizar sua tarefa doméstica mais importante, advindos dos alicerces dúbios em que construiu seu lar.

Na varanda, agora ele estava descendo ao porão de sua casa. Caminha para uma de suas rotinas mais importantes, o que ele diria se tratar de uma tarefa de manutenção. Abre a porta que dava para uma adega subterrânea, que mantinha naturalmente uma temperatura fixa para a conservação de destilados e vinhos. Tateou a parede à procura do interruptor. Acende a luz. A sala estava vazia, além das garrafas empoeiradas pendendo

pelos buracos da parede. Anda até uma parede de pedra. Novamente tateou a parede, dessa vez para encontrar um leve relevo de textura rochosa que ele pressionou. Dessa forma, a parede começa a se mover para dentro, e em um resfolego cheio de atrito começa a entrar horizontalmente para trás da parte fixa da parede. Depois de digitar em um teclado numérico alguns números, consegue puxar, depois de liberada uma alavanca, uma nova porta que se confundia com a extensão de metal da parede por trás da parede. Depois de aberta a porta, Harvadan entra em um novo cômodo.

Ele encontra pendurado por correntes um corpo robótico sem cobertura alguma, em um reluzente titânico, com apenas metade do braço esquerdo, sem o braço direito e sem nada da cintura para baixo, algo muito próximo do que havia visto em sua antiga empresa a qual trabalhou há tantos anos atrás, uma primeira versão do que viria a ser sua criação. Quando se aproxima, o corpo parece ter tomado vida. Acende um vermelho radiosso onde era para ser as órbitas azuis do robô. Harvadan toma fôlego. Uma hora teria que iniciar sua conversa. Não ficaria ali sentado apenas olhando para a carcaça robótica igual fizera da última vez que o visitou:

— Senhor...or, seussss níveis de se...serotonina e oci...ocitocina estão bai...baixossss, tenho que que interceder...er.

— 42, eu estou bem — Harvadan dá um meio sorriso passando sua mão pela sua barba a fazer. Ainda agora não entendia o que tornou o robô tão debilitado, rejeitando qualquer peça de reposição, ou qualquer manutenção ou diagnóstico, sem conseguir pronunciar uma frase direito, e se sentia sortudo pelo fato do robô ter se auto sabotado sem sua intervenção. Não saberia se conseguiria fazer isso com ele se fizesse a necessidade, não saberia se conseguiria fazer isso a um amigo. E continua...

— A vida tem seus altos e baixos, mesmo antes de te conhecer eu era feliz à minha maneira, mas desconhecia a natureza de minha felicidade.

— Senhor...or, fi...fiz e te...tenho que fazerrrr o...o necessá...ri...rio pelo se...se...se...senhor...or...

— Você se lembra da época em que te mandei para o centro de estudos? Queria que tivesse aprendido mais coisas lá, X. Não sei se você se lembra de um filósofo chamado Kant. Immanuel Kant. Não tenho certeza, mas acho que foi ele quem tratou de algo referente à dignidade da pessoa humana, o valor que um ser vivo tem. O valor que você tem...

Harvadan continua a se dirigir ao robô:

— Kant falou algo sobre não podermos usar as pessoas como meios para um fim...

Harvadan agora pigarreava.

— X, acho que você sabe que sou dono de uma empresa que, mesmo tendo feito muito bem humanitário, custou a liberdade de Jeff. Sabe que ele foi preso por lavagem de dinheiro. E mesmo que eu queira fazer algo para ajudá-lo, não posso fazer sem me prejudicar. Sem prejudicar minha família. E o ex-marido da Jasmine, X. A pessoa que você...

Não soube terminar a frase.

— Senhor...or, o...o pro...proto...co...colo 42, e ele me...me faz...az ter que inter...ce...ceder pe...pelo senhor...or, o senhor...or não pro...processa os números como eu pro...processo...

Harvadan suspira, lembra do que o robô já fez para manter o protocolo 42 em vigor. Fica ouvindo as palavras cada vez mais débeis e desconexas do robô acreditando cada vez mais que novamente sua missão falhou. Sabia que naquele instante sua presença não se fazia necessária ali, mas não desistiria. Ainda tentaria trazer consciência para seu amigo, consciência de seus atos pretéritos, o que talvez reverteria a condição deplorável na qual se encontrava.

Asimov entendia como as coisas deveriam funcionar, pelo menos as robóticas. Entendia que era um tolo de fazer seu capricho ser de primeira instância. Com esse pensamento, sobe vagarosamente as escadas do porão, depois de engaiolar seu amigo de nanotubos de carbono, um degrau de cada vez, pensando no sangue metafórico o qual sua mão ostentava naquele momento e como tudo aquilo é um lembrete necessário dos alicerces em que construiu seu lar. Uma forma de agir sem ignorar toda a impunidade que teve ao decorrer de sua vida. Pensava na arbitrariedade e injustiça que ele acometeu ao mundo, como se tudo em um passe de mágica pudesse desmoronar, como se vivesse em um castelo de cartas marcadas.

E, por fim, divaga Harvadan, percebe uma verdade profunda, que se sobrepõe a todas as outras. Uma verdade que era deveras absoluta. A verdade sobre a sua natureza. A verdade sobre a natureza de X. A verdade sobre a natureza humana...